

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Curo de Direito

João Bosco Fernandes

**NATUREZA E RELIGIOSIDADE CRISTÃ NO DISCURSO AMBÍGUO DO GRANDE
SERTÃO**

Poços de Caldas

2021

João Bosco Fernandes

NATUREZA E RELIGIOSIDADE CRISTÃ NO DISCURSO AMBÍGUO DO GRANDE SERTÃO

Projeto apresentado ao Programa de Pós-Graduação
– pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de
Minas Gerais.

Número do Projeto: 2020/26826

Orientador(a): João Bosco Fernandes

Poços de Caldas - MG

2021

Primeira produção

NATUREZA E DIVERSIDADE RELIGIOSA NO DISCURSO AMBÍGUO DO GRANDE SERTÃO

Rafaela Cristina MARTINS¹

João Bosco FERNANDES²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas

RESUMO

Este artigo analisa através de trechos selecionados, o universo ambíguo de Grande Sertão: Veredas, destacando a diversidade religiosa juntamente com as figuras femininas que fazem parte do romance. A pesquisa está relacionada às disciplinas de Cultura Religiosa da PUC Minas e aborda diferentes aspectos da influência feminina na religião e traz contribuições para o debate sobre o ecumenismo, gênero e áreas da literatura em que a religião se apresenta.

PALAVRAS-CHAVE: diversidade religiosa; feminino; natureza; ambiguidade; espacialidade.

INTRODUÇÃO

Cuidado com este livro, pois Grande Sertão: Veredas é como certos casarões velhos, certas igrejas cheias de sombras. No princípio a gente entra e não vê nada. Só contornos difusos, movimentos indecisos, planos atormentados. Mas aos poucos, não é luz nova que chega; é a visão que se habitua. E, com ela, a compreensão admirativa. O imprudente ou sai logo, e perde o que não viu, ou resmungando contra a escuridão, pragueja, dá rabanadas e pontapés. Então arrisca-se chocar inadvertidamente contra coisas que, depois, identificará como muito belas. (LESSA, 2006, não paginado).

Nonada, palavra que inicia o livro, possuindo o significado de “quase insignificante”, podemos iniciar essa pesquisa afirmando que tal palavra não faz jus a grande obra de Guimarães Rosa, isto pois, dada a riqueza de detalhes e os levantamentos de questionamentos religiosos e filosóficos que perseguem os leitores e estudiosos desde a sua primeira publicação, em 1956, pela livraria José Olympio Editora.

Os incômodos provocados pela linguagem única da obra que unifica o regionalismo sertanejo e o linguajar épico de odisséias criando uma autobiografia do narrador e personagem central: o velho Riobaldo. Ademais, não podem ser esquecidas as dualidades e ambiguidades que compõem o livro desde o seu título à última simbologia que dá encerramento à obra: o

¹Graduanda do 8º período do Curso de Direito da PUC Minas, bolsista CNPq; e-mail: rafaella.rcm.martins@gmail.com

²Orientador do trabalho. Professor do Curso de Direito da PUC Minas; e-mail: bosco@pucpcaldas.br

símbolo do infinito, representando os infinitos significados, encerramentos e conclusões que cada leitor pode retirar da leitura.

Os jogos com as palavras, feitas intencionalmente pelo autor, confirmada na entrevista dada a um canal de televisão independente em Berlim, em 1962³, podem passar despercebidos aos distraídos, bem como causar estranheza e confusão para aqueles que leem com o coração. Mister elencar que Rosa afirma em tal entrevista que seu intuito era constituir uma língua brasileira, abarcando a cultura dos letrados e não letrados, sendo esta a razão da linguagem peculiar empregada por Tatarana (Riobaldo) ao narrar sua história ao visitante.

Grande Sertão: Veredas trata das lutas entre jagunços que anseiam vingança e poder em terras de pouquíssima justiça, polícia, mas há de forma excessiva as vigias espirituais, que guiam os pensamentos, atitudes e o *animus* daqueles que vivem no sertão.

As veredas que as personagens fazem a travessia vão além da física, pois percorrem a memória, o duelo entre o diáfano e o profano, o real e ideal, as crenças individuais e universais. Tais veredas nos levam (personagem e leitor) para dentro do redemoinho, para dentro do mundo-sertão de Riobaldo.

Isto pois, demoramos a nos acostumar com o diálogo⁴ oculto entre Riobaldo e nosso interlocutor, que é um hóspede forasteiro, estudado, que permanece na residência do (ex)jagunço no decorrer do monólogo, por três dias⁵.

Outrossim, apesar da forma desconexa que são apresentados os fatos vividos por Riobaldo, mergulhamos no mundo sertanejo da era da jagunçagem, em um mix entre religião, filosofia, sentimentos e a natureza que cercam as personagens no vasto conceito de Sertão e as paisagens.

SERTÃO - Quanto Espaço Geográfico, Vivido E Recordado

O senhor... Mire veja: o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas - mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam. (ROSA, 2006, p. 24)

³Entrevista acessada pelo YouTube: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68&t=3s>>. Acessado em 19/04/2021.

⁴Mas, não diga que o senhor, assisado e instruído, que acredita na pessoa dele?! Não? Lhe agradeço! Sua alta opinião compõe minha valia. (ROSA, 2006, p.10).

⁵Visita, aqui em casa, comigo, é por três dias! (ROSA, 2006, p. 25).

Assim iniciamos nossa viagem ao sertão das Gerais, através das memórias do ex-jagunço Riobaldo, que por meio da oralidade visa a confirmação do Senhor, “estudioso” e hóspede de que não existe a personificação do mal, mas apenas a maldade humana, homem humano. Sendo o único recurso usado por Rosa na construção do narrar, a arte retórica de Platão, ocorrendo uma dialética entre o narrador-protagonista e sua memória, levando a ocorrência de falseamento, seleção e mascaramento dos fatos por este, logo não sendo um narrador completamente confiável.

Importante ter isso em mente, haja vista que a espacialidade internalizada pela personagem Tatarana em suas experiências, está sendo ressignificada por sua memória e sendo transmitida ao forasteiro por meio do diálogo interno entre o espaço físico, vivido, sentido e recordado.

Portanto, há uma diferença no espaço “no sertão” e “do sertão”. Há entre-cortes nos elementos que os compõem, sendo tanto os reais, quanto os místicos, políticos, lógicos e lendários.

O mundo é o sertão, ao mesmo passo que o sertão é o mundo. Esta é a realidade construída pelo Rosa por meio da fala de Riobaldo, constituindo os espaços particular, universal e as ressignificações efetuadas pelo ex-jagunço ao recordar os eventos vividos.

Sendo assim, ao decorrer da fala de Riobaldo percebemos que ele utiliza da espacialidade recordada do sertão para exteriorizar seus sentimentos ocultos quanto às dúvidas e aventuras que vivenciava.

Ao adentrarmos no casarão velho, logo no começo da obra, somos perturbados pela já explicação do nosso protagonista, até então, desconhecido, que os sons de tiros escutados pelo interlocutor oculto trata-se apenas de treinamento de pontaria. Entretanto, se fosse algo mais sério e grave, o cenário seria composto pelos agitos costumeiros do sertão: latidos ferozes dos cachorros, brigas entre jagunços e tiros certos que resultaria em corpos. Pois, afinal, assim era o sertão. “[...] o senhor ri certas risadas... Olhe: quando é tiro de verdade, primeiro a cachorrada pega a latir, instantaneamente - depois, então, se vai ver se deu mortos. O senhor tolere, isto é o sertão”. (ROSA, 2006, p. 7).

Levando-nos a um dos conceitos de sertão trabalhado na obra, o sertão enquanto espaço violento, caótico. Todavia, ao mesmo tempo apresenta um sertão vasto, além de todas as

expectativas, que compõe significado para aqueles que possuem a bravura de desbravá-lo, bem como, acentua que naquela região, próximo às margens do rio Urucuia também constitui o sertão.

Uns querem que não seja: que situado sertão é por os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem, fim de rumo, terras altas, demais do Urucuia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucuia vem dos montões oeste. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata, madeiras de grossura, até ainda virgens dessas lá há. O gerais corre em volta. Esses gerais são sem tamanho. Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães, é questão de opiniões... O sertão está em toda a parte. (ROSA, 2006, p. 7-8).

Tais conceitos tragos já nas primeiras páginas vão de encontro com o conceito geográfico que o leitor possui: as terras sertanejas de clima árido, composto pela fauna e flora da caatinga. Isso se dá, devido ao fato que a obra se concentra na região do norte mineiro, sudoeste baiano e leste goiano, atingindo uma maior variedade ambiental, pois engloba tanto o bioma do cerrado quanto o da caatinga e suas respectivas espécies endêmicas.

Paralelamente, o conceito sertão diversas vezes remete a outros significados como o modo de viver, de compreensão do mundo e da vida, assim como o modo e necessidade de crença no divino para manter suas ideias claras. Como podemos abstrair destas passagens:

[...] Consegui de muito homem e mulher chorar sangue, por este simples universozinho nosso aqui. Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias. Deus mesmo, quando vier, que venha armado! (ROSA, 2006, p.19)

[...] Sertão. Sabe o senhor: sertão é onde o pensamento da gente se forma mais forte do que o poder do lugar. (ROSA, 2006, p.28)

[...] Por isso é que se carece de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, pra mim é pouca, talvez não me chegue. [...] Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. (ROSA, 2006, p.16)

[...] Aqui é Minas; lá já é a Bahia? Estive nessas vilas, velhas, altas cidades... Sertão é o sozinho. Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. (Rosa, 2006, p. 309).

O senhor nonada conhece de mim; sabe o muito ou o pouco? O Urucuia é ázigo_ Vida vencida de um, caminhos todos para trás, é história que instrui vida do senhor, algum? O senhor enche uma caderneta... O senhor vê aonde é o sertão? Beira dele, meio dele?... Tudo sai é mesmo de escuros buracos, tirante o que vem do Céu. Eu sei. (ROSA, 2006, p. 595).

Que assim viemos. Mas, conto ao senhor as coisas, não conto o tempo vazio, que se gastou. E glose: manter firme uma opinião, na vontade do homem, em mundo

transviável tão grande, é dificultoso. Vai viagens imensas. O senhor faça o que queira ou o que não queira – o senhor toda-a-vida não pode tirar os pés: que há-de estar sempre em cima do sertão. O senhor não creia na quietação do ar. Porque o sertão se sabe só por alto. Mas, ou ele ajuda, com enorme poder, ou é traiçoeiro muito desastroso. O senhor... (ROSA, 2006, p. 532).

Logo, compreendendo a diferenciação entre o espaço geográfico vivido por Riobaldo, podemos destacar como principais contrapontos do espaço recordado e sentido que cria a narrativa da história e o mundo-sertão de Riobaldo, explicando a interiorização deste espaço à sua personalidade.

As descrições da natureza em muitos momentos se associam a Diadorim, tanto nos momentos de perigos iminentes, nas dificuldades vivenciadas, nas discussões, na permanência ao bando de jagunços, enquanto também na coragem descoberta e adquirida via o pacto para a satisfação da vendetta⁶, nos momentos de questionamento quanto ao gostar de Diadorim, sendo este um amor impossível.

A imagem de Diadorim se confunde com o sertão recordado, haja vista que foi quem ensinou Riobaldo a apreciar e contemplar as paisagens do sertão. Além disso, é a materialização de toda confusão e perda de Riobaldo, sendo associado a neblina do velho jagunço, pois o mesmo questionava sua conduta, seu pertencimento ao bando, coragem, seus saberes e a pessoa que estava se tornando.

Entretanto, não abandonava tal vida, dada a certeza de não querer ficar longe de Diadorim, objeto de seu desejo proibido, seu companheiro de jornada desde a primeira travessia ainda garoto.

Em contrapartida, há contrastes gritantes entre os cenários e sentimentos transmitidos pelo narrador ao ouvinte, conseqüentemente ao leitor, ao recordar e descrever as paisagens interligadas a memória de sua esposa Otacília, transmitindo liberdade, certeza, transcendência e proximidade com o divino, trata-se de um amor possível e sagrado com a doce e inocente Otacília.

Tal contradição entre o divino e profano, os sentimentos por Otacília e Diadorim, ficam evidentes no trecho a seguir da obra:

(...) O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. Diadorim e Otacília. Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucuaia,

⁶ Riobaldo junto de Diadorim e do bando de jagunços buscam vingança da morte do antigo líder Joca Ramiro, assassinado por Hermógenes e Ricardão.

mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. Ouvindo uma violinha tocar, o senhor se lembra dele. Uma musiquinha até que não podia ser mais dançada – só o debulhadinho de purezas, de virar- virar... Deus está em tudo – conforme a crença? (ROSA, 2006, 311).

Ambas as personagens mais uma vez irão representar o conflito religioso, sentimental e filosófico por meio subentendido na comparação feita pela memória da ambientação entre a Fazenda Santa Catarina e a Fazenda dos Tucanos, o primeiro simbolizando seu anseio por uma vida tranquila e pacífica, a liberdade de ir e vir, a sensação de paz e pertencimento, mesmo que soubesse que lá não poderia ficar.

Já o segundo trata-se do auge da guerra do sertão que estava vivendo, todos os conflitos internos (como jagunço do bando liderado por Zé Bebelo e sua desconfiança quanto a liderança e propósito para vingar Joca Ramiro), seus temores por sua vida, e a de Diadorim, o sentimento de claustrofobia por estarem cercados pelo bando de Hermógenes, bem como, a descoberta do plano do líder Zé Bebelo de entregá-los para a polícia.

A recordação do questionável pacto realizado nas veredas mortas (local conhecido pelo nome veredas altas) que justifica a temática central da obra: os questionamentos quanto à existência do mal personificado, possibilidade de vender a alma e os efeitos do pacto. Outrossim, não podemos deixar de lado que a razão de buscar fazer o pacto fora satisfazer Diadorim e efetuar (novamente) a travessia pelo Liso do Sussuarão sem perdas e dificuldades para encontrar o Judas⁷, (Hermógenes), como havia ocorrido na primeira tentativa.

Por fim, podemos destacar a interligação dos três rios citados na obra: São Francisco, de Janeiro e Urucuia, que simbolizam os momentos vividos por Riobaldo, metáforas para as mudanças que sofreu ao longo de sua vida, o menino sem pai que pagava a promessa feita por sua mãe, ao mestre e professor de um promissor fazendeiro, a jagunço (posteriormente chefe do bando, Urutu Branco) e no final, como o velho fazendeiro que narra sua trajetória.

Os três rios trazem a materialização da travessia feita por Riobaldo, bem como, simbolizam a coragem que é necessária para atingir a outra margem. Como dito na passagem: “[...] O meu Urucuia vem, claro, entre escuros. Vem cair no São Francisco, rio capital. O São Francisco partiu minha vida em duas partes”. (Rosa, 2006, p. 310).

⁷ Hermógenes, ex-companheiro de Joca Ramiro, um dos vices líderes do bando, aquele que faz o primeiro pacto com o Demo, em busca de poder e substituir o líder e sair impune. No decorrer da obra é tratado como o Judas, o traidor, devido sua traição e assassinato de Joca Ramiro.

O rio São Francisco representa toda a travessia espiritual, lógica, real que aconteceu dentro de Riobaldo, pois é nele que adquire a primeira lição do menino Diadorim/Reinaldo: que viver é perigoso e se faz necessário ter coragem⁸.

Carece de ter coragem... – ele me disse. Visse que vinham minhas lágrimas? Dói de responder: – “Eu não sei nadar...” O menino sorriu bonito. Afiançou: “Eu também não sei.” Sereno, sereno. Eu vi o rio. Via os olhos dele, produziam uma luz. – “Que é que a gente sente, quando se tem medo?” – ele indagou, mas não estava remoqueando. (ROSA, 2006, p.106).

Os rios de Janeiro e São Francisco simbolizam, então, os temores, conflitos que toda jornada física, realista, metafísica, espiritual possuem. São associados pela fala de Riobaldo, aos seus temores de afogar-se em seus sentimentos e questionamentos que não aquietam sua mente.

No tocante ao rio Urucuia, este representa o fim de sua jornada, a chegada na outra margem, na qual o Urutu Branco⁹, descobre que todas as fases de mudanças, redenção, sofrimento, questionamentos do sagrado, do mundano e do profano, descobertas sobre si mesmo, o dilema quanto a Diadorim, percorreu este caminho sozinho, levando-o a Otacília.

Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura. Deus é que me sabe. O Reinaldo era Diadorim – mas Diadorim era um sentimento meu. Diadorim e Otacília. Otacília sendo forte como a paz, feito aqueles largos remansos do Urucuia, mas que é rio de braveza. Ele está sempre longe. Sozinho. (ROSA, 2006, p. 310).

Retomando a ligação entre o sertão vivido e recordado com Diadorim, objeto de desejo proibido, temos o personagem central ao longo de toda obra ilustrando que aprendeu apreciar as paisagens com tal companheiro jagunço. Notamos que, após a morte de Diadorim, aquele sertão perigoso e cheio de aventuras já não mais interessa Riobaldo, retornando para Otacília e abandonando aquele sertão.

Atingindo então o status de vida tranquila próximo ao rio Urucuia, rio de águas tranquilas que alimenta a paz e tranquilidade daquele pedaço de sertão, dando fim a sua caminhada pelas veredas do sertão, bem como encerrando a narrativa.

⁸No encontro com o menino Reinaldo, também conhecido como Diadorim, fazem um passeio de canoa atravessando o rio de Janeiro para chegar ao Rio São Francisco, nessa travessia, acontece o diálogo entre os meninos, no qual Diadorim diz a Riobaldo que este carece de coragem em três momentos.

⁹Nome que Riobaldo adota quando se torna líder dos jagunços, liderando a segunda travessia pelo Liso do Sussuarão.

Assim, abstrairmos as divergências entre os amores vividos e sentidos por Riobaldo, por Otacília e Diadorim, podendo ser interpretados como o primeiro o amor divino, “natural”, socialmente aceito na época vivida por Riobaldo e o segundo ao amor proibido, advindo do pecado. Conforme o próprio jagunço reflete nesta passagem da obra:

O que entendi em mim: direito como se, no reencontrando aquela hora aquele Menino-Moço, eu tivesse acertado de encontrar, para o todo sempre, as regências de uma alguma a minha família. Se sem peso e sem paz, sei, sim. Mas, assim como sendo, o amor podia vir mandado do Dê? Desminto. Ah – e Otacília? Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase. A Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas. Depois lhe conto; tudo tem o tempo. Mas o mal de mim, doendo e vindo, é que eu tive de compesar, numa mão e noutra, amor com amor. Se pode? Vem horas, digo: se um aquele amor veio de Deus, como veio, então – o outro? (ROSA, 2006, p. 139-140).

O grande sertão recordado, vivido e narrado por meio de veredas e travessias encerra sem responder se houve de fato a concretização do pacto, bem como se há o mal encarnado. Encerra o mundo particular de Riobaldo, mas não as questões universais, como ilustrado pelo autor Antônio Candido:

É construído pelo autor e personagem narrador um mundo resumido no Sertão, palco de toda a epopeia de vingança vivida pelo Riobaldo, trazendo seu universo particular. Todavia, trata de assuntos metafísicos que atormentam os homens a séculos, logo trazendo uma universalidade à obra. (CANDIDO, 2006. p.111 e 130).

Portanto, como demonstrado a oralidade de Riobaldo inviabiliza a separação e diferenciação entre a exterioridade apreendida objetivamente do espaço vivido e a interioridade da subjetividade expressas ao contar, que remetem ao espaço sentido e recordado.

SERTÃO - Enquanto Espaço Religioso.

Deus espera essa ganância. Moço! Deus é paciência. O contrário, é o diabo. [...] Deus vem vindo: ninguém não vê. Ele faz é na lei do mansinho – assim é o milagre. E Deus ataca bonito, se divertindo, se economiza. (ROSA, 2006, p. 17-23).

Dada a impossibilidade de separação entre os espaços vividos e recordados, da realidade daquilo forjado pela memória e sentimentos, devemos também nos atentar quanto a religiosidade contida na obra.

Como dito anteriormente, Guimaraes Rosa utilizou-se da oralidade de Riobaldo para construir a narrativa de sua história de modo desconexo visando convencer o doutor, forasteiro da não existência do Diabo, do mal encarnado, ao mesmo tempo confirmar a existência do mal

como parte da natureza humana, podendo ser ele um mal intrínseco que se contrapõe ao bem (ao divino) ou o mau moral, a má índole do indivíduo.

Tal narrativa desconexa, faz um paralelo bíblico, com a passagem do livro de Eclesiastes 3, versículos 1:8, que disserta:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou; Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar [...].

A razão disto se dá pelo fato que há um tempo certo¹⁰ nos relatos de Riobaldo, iniciando a obra com causos, alegorias, demonstrando o mal moral que há tanto nos seres humanos¹¹, quanto na mandioca¹², na cachoeira, pedras e animais.

Tal exemplificação visa preparar o leitor para os acontecimentos que iriam ocorrer na narrativa, levando ao embate central: a possibilidade de vender a alma (o embate se pertence ao homem humano ou a Deus) e se existe o Diabo.

Ademais, nosso narrador se utiliza de todas as religiosidades para construir seu argumento, mencionando o protestantismo, o catolicismo, umbandismo e o espiritismo de Allan Kardec. No mesmo sentido, importante ressaltar que há um dualismo presente nas crenças de Riobaldo entre a superstição e a religiosidade, fazendo uso de ambas para encontrar Deus e adquirir proteção do mesmo.

A obra de Guimarães Rosa, assim como o autor¹³, é essencialmente religiosa, porém sem pertencer a uma religião específica, mas sim a todas, bebendo de todas as fontes, constituindo uma poesia metafísica que unifica a literatura e teologia.

¹⁰Bem que eu conheci Otacília foi tempos depois; depois se deu a selvagem desgraça, conforme o senhor ainda vai ouvir. (ROSA, 2006, p. 157).

¹¹Narra o caso do menino que nasceu mal e fazia várias maldades na vizinhança, e de tanto ser castigado os pais passaram a sentir prazer em torturá-lo; narra também o caso de José Simplício que enriqueceu devido o auxílio de um pequeno diabo que ficava preso em sua casa.

¹²Não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada. (ROSA, 2006, p.11).

¹³Na correspondência com o tradutor Italiano, Guimarães Rosa fala de sua constituição ou essência religiosa, atribuindo nota 7 sobre 10 ao conjunto poesia metafísica em sua obra: ...sou profundamente, essencialmente religioso, ainda que fora do rótulo estrito e das fileiras de qualquer confissão ou seita; antes talvez, como Riobaldo do “GS:V”, pertenço eu a todas. E especulativo demais. Daí todas as minhas constantes, preocupações religiosas, metafísicas, embeberem os meus livros. Talvez meio existencialista cristão (alguns me classificam assim), meio neo-platônico (outros me carimbam disto), e sempre impregnado de hinduísmo (conforme terceiros). Os livros são como eu sou [...] Ora, você já notou, decerto, que como eu, os meus livros, em essência são “antiintelectuais”, defendem o altíssimo primado da instituição, da revelação, da inspiração, sobre o bruxear presunçoso da inteligência reflexiva, da razão, a megera cartesiana. Quero ficar com o Tao, com os Vedas e Upanixades, com os Evangelistas e São Paulo, com Platão, com Plotino, com Bérgeon, com Berdiaeff – com Cristo, principalmente.

Talvez seja esta a razão da narrativa utilizar-se da superstição da cultura popular para descrever o demônio, dando-lhe inúmeros nomes. Ao mesmo passo que as explicações são rasas, tendo dificuldade de construir a personagem, haja vista que, a tese defendida é a demonstração da existência dos dois polos (divino e demoníaco) dentro do ser humano.

Chegamos a esta conclusão através dos momentos supracitados que demonstram tanto a espacialidade vivida/recordada quanto a religiosidade e a dialeticidade entre o bem e o mal, divino e diabólico ocorrem na obra.

CONCLUSÃO

(...) na extraordinária obra-prima Grande Sertão: Veredas há tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto conforme seu ofício; mas em cada aspecto aparecerá o traço fundamental do autor: a absoluta confiança na liberdade de inventar." (CANDIDO, 2006, p.111-130).

Podemos concluir que a obra roseana desempenha seu papel em todos os objetivos do autor, dada a linguagem única que unifica os mundos dos não letrados e letrados, por meio da oralidade escrita e as referências as odisseias gregas, com lutas heroicas e grandes questionamentos universais e filosóficos quanto a essência humana.

Destarte, o livro de forma despretensiosa interliga a literatura e a teologia, levando o debate do sagrado e do profano a todas as classes sociais, demonstrando para aqueles que persistem na leitura, que a resposta do pacto fora o silêncio, o encontro com o próprio eu.

Sendo este o momento que o velho Riobaldo, como narrador, entende que era o verdadeiro responsável por suas ações maléficas e violentas, ao mesmo tempo, que a morte de Diadorim, demonstra a existência da redenção dos atos. Pois, dentro do homem humano¹⁴, há a dualidade do bem e do mal, cabendo a si a escolha de qual irá cultivar, e as consequências que virão.

Tal compreensão, faz menção ao livre arbítrio, presente divino que rege a religiosidade cristã, o qual consiste na liberdade de escolha dos atos, todavia estes haverá consequências.

Por isto mesmo, como apreço de essência e acentuação, assim gostaria de considerá-los: a- Cenário e realidade sertaneja: 1 ponto; b- enredo: 2 pontos; c- poesia: 3 pontos; d- valor metafísico-religioso: 4 pontos. (ROSA, 2003, p. 90-91).

¹⁴ Paráfrase da última frase de Grande Sertão: Veredas. "Existe é homem humano. Travessia." (ROSA, 2006, 608).

Sendo que muitas das vezes, as pessoas em momentos de dores e sofrimentos intensos buscam culpar outrem, como por exemplo Deus, Diabo, a própria religião, entretanto, recebem o silêncio como resposta. O mesmo, senão passado despercebido, é acompanhado da redenção da compreensão da dualidade que o ser humano é composto, as consequências: amadurecimento e mudança.

Cabendo apenas a coragem para viver perigosamente, efetuando a travessia entre as margens, descobrindo-se, dispondo-se a passar pelas veredas que compõe a grandeza da vida humana.

Em suma, podemos atribuir o uso do espaço geográfico por Rosa como palco da alegoria a vida, demonstrando ao leitor que o sertão quanto espaço seco, caótico, violento, também é pacífico, fértil, cheio de esperança e água (símbolo da vida).

Logo, temos o uso das paisagens para transmitir as sensações, recordações (re)vividas no contar de Tatarana e os dilemas enfrentados pelo mesmo, que representa as percepções do mundo como um todo.

Pois utiliza dos mecanismos do ambiente para dar forma, personificando seus sentimentos, haja vista que os sentimentos por Diadorim são a neblina, as confusões mentais e o desejo ambíguo (seguir Diadorim e ir para guerra ou permanecer com Otacília em paz) o redemoinho – a briga de ventos que acompanha o demônio na obra, bem como a simbologia dos Buritis, representando sua liberdade. Finalmente, temos os próprios caminhos de águas, as veredas, título da obra que demonstram os caminhos percorridos na construção do personagem central como pessoa, jagunço-fazendeiro, pensador e crente em suas superstições e no mundo espiritual.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Consuelo. Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa. São Paulo: Mandarin, 1996.

ASSIS, Jean Felipe. A Espacialidade Do Grande Sertão Rosiano: Margens e Veredas para a Investigação da Matéria Vertente. In Verbo de Minas: Juiz de Fora, v. 17, n.29, p.5-29, jan/jul. 2016.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: paulinas, 1999.

BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana. (org.). Bem e mal em Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Editora UAPÊ, 2008.

BOLLE, Willi. Grandesertão.Br. São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. O Homem dos Avessos. In. Tese e Antítese. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2006. p.111/130.

COUTINHO, Eduardo de Faria. Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

LESSA, Bia. Afonso Arinos de Melo. Instalação Grande Sertão Veredas. In Museu da Língua Portuguesa. São Paulo: Catálogo de Exposição, mar. de 2016, não paginado.

MARQUES, Marcia Cristina Roque Correa. Memórias de Riobaldo:Travessia. In Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas Dossiê: Oralidade, memória e escrita. PPG-LET-UFRGC - Porto Alegre - v.04. n.02. jul/dez 2008.

MOURA, Lúcia Helena Furtado. Interpretações da multifacetada manifestação religiosa riobaldiana. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

PROENÇA, Cavalcanti M. Trilhas no Grande Sertão. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. 1 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSA, João Guimarães. João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor italiano Edoardo Bizzarri. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. Grande Sertão: Veredas. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. Desenveredando Rosa. Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

UTÉZA, Francis. Metafísica do Grande Sertão. Trad. J.C. Garbúglio. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIGGIANO, Alan. Itinerário de Riobaldo Tatarana. Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1974.

Segunda produção

NATUREZA E RELIGIOSIDADE CRISTÃ NO DISCURSO AMBÍGUO DO GRANDE SERTÃO

João Bosco FERNANDES¹⁵

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, *campus* Poços de Caldas

RESUMO

O objetivo da presente pesquisa é investigar a relação entre a natureza, enquanto espaço, ambiente e itinerário das personagens de Guimarães Rosa presentes no romance Grande Sertão Veredas e a religiosidade existente nessa interação. Realizar uma leitura minuciosa e cuidadosa dessa obra, identificando os temas de caráter sobrenatural que estão implicados com o espaço natural e verificar se a religiosidade, no referido texto, encontra articulação com a religiosidade cristã, será a proposta central. Textos de comentadores e críticos renomados sobre essa temática do romance também serão objeto desse trabalho. Para dar conta desse problema, propôs-se inicialmente pesquisar Grande Sertão: Veredas em torno da descrição dos aspectos geográficos, enquanto espaço sagrado e elaborar inferências a partir de temas presentes nestes fragmentos a fim de identificar os elementos de religiosidade, ligando-os aos principais aspectos da tradição religiosa cristã. A pesquisa está estruturada em duas partes: a primeira investigará a existência de elementos da religiosidade cristã ligada ao itinerário das principais personagens e o encontro delas com a natureza e com o seu significado e a segunda perceberá a ambiguidade desses elementos no contexto geral da obra.

PALAVRAS-CHAVE

Natureza; religiosidade; cristianismo; ambiguidade; espaço sagrado

INTRODUÇÃO

É uma obra que encena um narrador (Riobaldo velho) e um interlocutor silencioso (doutor, um senhor da cidade, que ao visitar o sertão, permanece com Riobaldo por três dias). Riobaldo conta a história de sua vida ao visitante silencioso com a intenção de obter respostas e de buscar um sentido para a sua vida a partir da reconstrução do passado proporcionado pelo ato de narrar. A narrativa é permeada de causos, imagens, lugares e nomes, e feita com uma linguagem nova, de prosa com poesia, oral e escrita. A escrita quer buscar a ambiguidade e o inapreensível. Rosa dizia que não escrevia difícil, porque sabia o nome das coisas.

Dezenas de pessoas cruzaram o caminho de Riobaldo e o ensinaram como um mestre ensina, a entender o sertão, como lugar e como universo que habitava o interior das pessoas.

¹⁵Orientador do trabalho. Professor do Curso de Direito da PUC Minas; e-mail: bosco@pucpcaldas.br

“O sertão é do tamanho do mundo”. “Sertão: é dentro da gente”. (ROSA, 2006, p. 73 e 309). Ele é a personagem que o leitor perceberá com maior frequência a confluência da natureza com a ambiguidade religiosa, pois a chegada na fazenda Santa Catarina após longa viagem é marcada pela transcendência. O lugar, de acordo com a narrativa, já falava por si mesmo, por seu esplendor de natureza vibrante e, também, porque lá morava Otacília, a flor dos olhos de Riobaldo. A exceção de Zé Bebelo, que convive com o universo religioso do sertão sem se deixar atravessar por ele e sempre assumindo uma neutralidade cética, os demais chefes fazem parte desse universo religioso e alguns, como Medeiro Vaz e Joca Ramiro, estão colocados num patamar mais elevado, ao lado de santos e divindades.

Araujo afirma que Riobaldo é homo viator, facilmente adaptado ao cristianismo, tem fé e, embora a sua consciência de jagunço não saiba, segue um roteiro para Deus e o mal é a traição dos Judas e o sertão é o deserto, o lugar da purificação espiritual. Já para Rosenfield o sertão é o lugar do mal que abriga todas as doenças sociais.

A parte que segue, portanto, descreve o romance sintetizando os principais fragmentos e argumentando a partir do fio condutor do espaço sagrado e dos elementos religiosos e, particularmente, cristãos presentes no texto de Rosa, assumindo a ambiguidade como pressuposto da narrativa.

Como o objetivo do trabalho é identificar as interfaces com elementos religiosos cristãos espaço-temporais, a pesquisa irá tratar em detalhes das outras possibilidades presentes na obra, que admitimos estarem presentes, constituindo-se também no foco da presente investigação.

A NATUREZA E A TRANSCENDÊNCIA

O nosso narrador no seu relato insiste na busca de uma vida significativa e faz questão que seu interlocutor silencioso saiba disso. Por isso, o tempo todo, embora indeciso, procura um itinerário ao encontro de si mesmo. Impelido por uma força estranha que o chama para um relaxo do corpo e da alma, ao parar na beira de um córrego para dormir, embaixo de uma árvore e, ao acordar, se defronta com Diadorim que o está vigiando. A narrativa sugere uma visão religiosa da natureza. Riobaldo aceita religiosamente a mística da natureza ao considerar a água cristalina do córrego como uma divindade. Mais uma vez é a manifestação cósmica interferindo no seu destino: “o tanto assim, que até um corguinho que defrontei – um riachim à-tôa de branquinho – olhou para mim e me disse: – Não... – e eu tive que obedecer a ele. Era para eu não ir mais para diante. O riachinho me tomava a benção. Apei”. (ROSA, 2006, p. 288). Exalta

a simplicidade e a perfeição da natureza ao sentir inveja dos animais que têm uma vida simples e significativa, como em outras vezes referia-se ao pássaro manuelzinho-da-crôa, apreciado por sua beleza e simplicidade: “o bom da vida é para o cavalo, que vê capim e come”. (ROSA, 2006, p. 288). Por outro lado, não se pode ignorar que Riobaldo tinha a fraqueza de dormir demais e fora de hora, era o prazer do momento, entre outros prazeres, que lhe era irresistível e ao narrar, reconhece isso. E atribuía ao diabo tal hábito que o impedia de ver a realidade como de fato era a não ser de forma distorcida pelo sonho, em que tudo é permitido e tudo se transforma em tudo: “Quando a gente dorme, vira de tudo: vira pedras, vira flor. [...] é que refiro tudo nestas fantasias. Mas eu estava dormindo era para reconfirmar minha sorte. Hoje, sei. E sei que em cada virada de campo, [...], está dia e noite um diabo, que não dá movimento, tomando conta. [...] Dormi, nos ventos”. (ROSA, 2006, p. 288). Riobaldo não se conforma com sua sorte. Diadorim, assim como a mística da natureza, também é a aparição da divindade inacessível. Só em sonho Diadorim poderia ser o complemento afetivo do desejo de Riobaldo. O Diadorim que Riobaldo queria só poderia ser encontrado de forma sobrenatural: “quando acordei, não cri: tudo o que é bonito é absurdo – Deus estável”. (ROSA, 2006, p. 288). Enfim, a narrativa trata de um personagem confuso, em busca de todo tipo de interferência externa, seja cósmica, religiosa ou humana – de Diadorim –, no caso sentimental, a fim de dar significado à própria vida tentando entender o destino que lhe coube cumprir e revela um narrador aberto às diversas formas de acessar o sobrenatural e de se encontrar nesse universo. O Riobaldo, objeto da narrativa do velho Riobaldo tenta responder aos anseios existenciais e à aproximação do narrador da transcendência derivada do espaço sagrado do sertão.

Se a vida é dom de Deus, o mesmo se pode dizer sobre a fé e a coragem que permeiam todo o romance. É um tema que, para o narrador, se torna o fio condutor do sentido da vida de Riobaldo desde o seu primeiro encontro com o “Menino” – Diadorim, na travessia do rio em “canoa bamba”. Coragem para entender a própria vida como o caminho para Deus e coragem para lutar contra o demo. “Agora, que o senhor ouviu, perguntas faço. Por que foi que eu precisei de encontrar aquele Menino? Toleima, eu sei. Dou, de. O senhor não me responda. Mais, que coragem inteirada em peça era aquela, a dele? De deus, do demo?”. (ROSA, 2006, p. 109-110). Rosenfield aproveita bem essa cena da coragem do Menino para lembrar-se da tradição bíblica cristã, da imagem de Jesus, caminhando sobre as águas e indo ao encontro de seus discípulos que estavam fatigados por remarem contra o vento: “é interessante comparar, nesse contexto, as palavras do menino na primeira travessia com as palavras de Cristo caminhando sobre as águas (Cf. *O Evangelho Segundo São Marcos*: 6, 45-52: ‘Vendo-o

caminhar sobre o mar, julgaram [os apóstolos] que fosse um fantasma e começaram a gritar, pois todos o viram e ficaram apavorados. Ele, porém, logo falou com eles, dizendo: Tende confiança. Sou eu. Não tenhais medo [...] Eles, porém, no seu íntimo estavam cheios de espanto [...] mas o seu coração estava endurecido’[...].” (ROSENFELD, 2008, p. 251).

Araujo igualmente a partir de outro texto sinótico, o de São Mateus 8, 23-27 refere analogamente a serenidade do Menino à de Jesus indo ao encontro de seus discípulos e acrescenta, como inferência, que ao narrar, Riobaldo fala do Menino – no uso de maiúscula – significando a sua primeira conversão a Deus que o prepara para o recebimento da graça atual ou santificante. (ARAUJO, 1996, p. 37).

É também o que se percebe da narrativa na chegada de Riobaldo e de seus companheiros à Fazenda Santa Catarina: “Conforme contei ao senhor [interlocutor], quando Otacília comecei a conhecer, nas serras dos gerais, Buritís Altos, nascente de vereda, Fazenda Santa Catarina”. (ROSA, 2006, p. 188), propondo-se algumas analogias entre aspectos humanos e religiosos, tais como: a fazenda Santa Catarina era o lugar da bondade, da paz, de Deus, “era perto do céu”.

O nome da fazenda em que Riobaldo e seus companheiros encontram Otacília, segundo Araujo refere-se a duas santas muito conhecidas: Catarina de Alexandria, do século quarto, padroeira das faculdades de Filosofia e conhecida pelo seu casamento místico com Cristo; e Catarina de Siena, do século quatorze que simbolizava o seu casamento místico com Cristo através de um anel de pedra preciosa que somente ela podia ver. (ARAUJO, 1996, p. 294).

Araujo destaca o contraste das situações vividas ao afirmar que as lembranças do velho Riobaldo substituem por algum momento o Inferno e o ódio do sertão, figurados em Hermógenes, pelo Paraíso e pelo amor de Otacília. Tem-se portanto, uma passagem, a mudança de um pelo outro, ou seja, a conversão. (ARAUJO, 1996, p. 28). O primeiro encontro de Riobaldo com Otacília, conforme o relato do narrador, pela sua bondade, pela sua pureza e pela sua beleza, revela a transcendência: “aquele assunto de Deus”. (ROSA, 2006, p. 189). Riobaldo menciona o trabalho como algo sagrado. “Figuro que naquela ocasião tive curta saudade do São Gregório, com uma vontade vã de ser dono de meu chão, meu por posse e continuados trabalhos, trabalho de segurar a alma e endurecer as mãos”. (ROSA, 2006, p. 188). A exuberância da natureza, na beleza das flores, das borboletas, do voo dos pássaros tem ligação com a contemplação mística, a ponto de não se ver o tempo passar por perceber a presença de Deus nas suas criaturas. “Diadorim era quem tinha me ensinado”. (ROSA, 2006, p. 189). O ambiente desse encontro, segundo Araujo, figura o encontrar do amor e da luz, sinais do Espírito Santo e de Cristo. A liberdade espalhada pelos ares da fazenda é a marca da presença de Deus Pai, do sentido pleno da vida – o roteiro de Deus – também figurada nos Buritís-Altos, a Trindade. (ARAUJO, 1996, p. 81). E por fim, Riobaldo refere-se aos seus companheiros de jagunçagem como “dois anjos-da-guarda”. O que se percebe dessa narrativa é a posição assumida pelo

narrador em associar encontros importantes do passado, como o encontro com o Menino-Diadorim, com o esplendor da natureza na Fazenda Santa Catarina e com Otacília e com as diversas religiosidades. Tal posição, que identifica o sagrado e o profano, tenta interpretar o profano como sagrado.

A referência que se faz à manifestação de lamento da natureza – dos sapos, da anta – pode encontrar analogia nas narrativas dos evangelhos sobre o momento da crucificação e morte de Jesus: “as trevas cobriram toda a terra”. (Lucas 23:44b). A morte de Medeiro Vaz não podia ficar na obscuridade. Tocar os sinos das igrejas, no pensamento dos discípulos, jagunços, significava tornar pública a vida de um santo, de um grande líder político e espiritual. Alguém que deveria ser imitado. Por isso, o quadro solene do funeral: “Deviam de tocar os sinos de todas as igrejas! Cobrimos o corpo com palmas de buriti novo, cortadas molhadas. Fizemos quarto, todos, até ao quebrar da barra. Os sapos gritavam latejado. O sapo-cachorro arranhou seu rouco. Alguma anta assoviava, assovio mais fino que o relincho-rincho dum poltrinho”. (ROSA, 2006, p. 80). Todos os elementos religiosos e cristãos encontrados na cena da morte de Medeiro Vaz o aproximam mais ainda do personagem mítico medieval e a narrativa, também, amplia essa religiosidade para aspectos cósmicos revelando que os motivos cristãos evocados por Riobaldo transcendem os próprios limites desta tradição religiosa particular.

De modo que o trajeto que os quatro companheiros empreendiam em direção ao bando de Medeiro Vaz traz a imagem da exuberância da natureza, como que dando as boas-vindas aos itinerantes cansados da longa viagem: “o flaflo de vento agarrado nos buritis, franzido no gradeal de suas folhas altas; e, sassafrazal – como o da alfazema, um cheiro que refresca; e aguadas que molham sempre. Vento que vem de toda parte. Dando no meu corpo, aquele ar me falou em gritos de liberdade”. (ROSA, 2006, p. 306). E Riobaldo insere o tema da liberdade fazendo analogia à sensação que tem a partir daquela experiência cósmica. Também, por outro lado, paradoxalmente, apresenta o seu ceticismo em relação à existência da liberdade, por entender que todos estão presos ao destino: “mas liberdade – aposto – ainda é só alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões. Tem uma verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para a liberdade se fazer”. (ROSA, 2006, p. 307). A liberdade, no seu entender, não passa de algo precário que cada um, ilusoriamente, constrói de forma fragmentada no itinerário da vida. Infere-se um olhar de um Riobaldo que nunca se sentiu livre continuando a viver com essa ambiguidade, seja no passado por estar preso à condição de jagunço ou no momento atual, sentindo-se preso à necessidade de salvação de sua alma, nas lembranças em busca de possível culpa.

E ainda, a chegada na fazenda Santa Catarina após longa viagem é marcada pela transcendência. O lugar, de acordo com a narrativa, já falava por si mesmo, por seu esplendor de natureza vibrante e, também, porque lá morava Otacília, a flor dos olhos de Riobaldo: “que’s borboletas! E era em maio, pousamos lá dois dias, flor de tudo, como sutil suave, no conhecimento meu com Otacília”. (ROSA, 2006, p. 307). O texto sugere uma peregrinação: o que os quatro companheiros estavam fazendo. A missão de se juntar ao bando de Medeiro Vaz ganha uma dimensão religiosa: “e que, com nosso cansaço, em seguir, sem eu nem saber, o roteiro de Deus nas serras dos Gerais, viemos subindo até chegar de repente na Fazenda Santa Catarina”. (ROSA, 2006, p. 307). Todo o sacrifício que estava sendo empreendido na longa viagem tinha um propósito, ou seja, vingar a morte de Joca Ramiro, portanto, um propósito de restauração do bem e de uma ordem que existia antes e foi mudada pelos Judas, por um lado. Por outro, a vingança representa a negatividade do sertão com sua natureza maligna e demoníaca. Muitas vezes o crente não vê com clareza e nem sabe o caminho que está percorrendo, mas tem confiança de que seu itinerário faz parte do plano de Deus. Isso é o que importa. O texto é ambíguo, mas parece sugerir essa imagem.

Outro momento de transcendência é o encontro de Riobaldo com o bando de Medeiro Vaz: novamente a natureza, como uma oração cósmica se manifesta no seu pensamento e o sentimento de celebração toma conta da alma de Riobaldo a ponto de se lembrar da Trindade, o fundamento do cristianismo: “Me alembro, meu é. Ver belo: o céu poente de sol, de tardinha, a roséia daquela cor. E lá é cimo alto: pintassilgo gosta daquelas friagens. Cantam que sim. Na Santa Catarina. Revejo. Flores pelo vento desfeitas. Quando rezo, penso nisso tudo. Em nome da Santíssima Trindade”. (ROSA, 2006, p. 307). A imagem que Riobaldo faz de Medeiro Vaz é a de um ser carismático e místico que lidera discípulos: “a um assim, a gente podia pedir a benção, se prezar”. (ROSA, 2006, p. 308). A entonação do Aleluia: significa a alegria de juntos peregrinarem, sertão afora, em busca da restauração da justiça e possuídos pela coragem dos filhos de Deus. O luto representado no lenço preto de Diadorim era o estandarte que anunciava o significado da missão: “o só que Medeiro Vaz comandou foi isto: – ‘Alelúia!’”. Diadorim tinha comprado um grande lenço preto: que era para ter luto manejável, funo guardado em sobre seu coração”. (ROSA, 2006, p. 308). De acordo com Rosenfield, a motivação da guerra de Medeiro Vaz está num obscuro sentimento messiânico que o leva a sacrificar as suas terras e o seu conforto pessoal a fim de adaptar-se a uma fé autêntica que se assemelha à figura medieval da *imitatio Christi*, ou seja, o resgate universal a partir do sofrimento crístico que levam os jagunços a participarem dessa fé e confiança na redenção. (ROSENFELD, 2008, p. 289). A

autora aponta no seu comentário os elementos cristãos que decorrem da figura de Medeiro Vaz no sentido de mostrar as analogias que o propósito do bando tem com o messianismo cristão medieval, entretanto, o comentário de Rosenfield se coloca a partir de uma perspectiva crítica de que as perdas diversas que caracterizam a campanha dos jagunços como sacrifício crístico, nada mais são de que a reprodução das sociopatologias do sertão e que o narrador ambigualmente ironiza esse falso propósito ao contrabandear as expressões cristãs para um contexto nada cristão.

A feiura da natureza também poderia significar a presença do mal e da maldade. Se a razão e a lógica, muitas vezes, conduziram Zé Bebelo ao acerto, entretanto, os equívocos foram definidores do futuro da sua chefia, por ocasião em que o endereço do bando era a Virgem-Mãe a fim de se recarregarem de munição, contudo, por erro de comando, os jagunços foram parar na Virgem-da-Lage, lugar do encontro com os catrumanos. A narrativa compara esses indivíduos a seres pré-históricos, míticos, meio homens e meio animais, desprovidos de racionalidade e de religiosidade: “que viviam tapados de Deus, assim nos ocos” (ROSA, 2006, p. 384), de linguagem e comunicação difíceis feito rosno de bicho: “ossos e queixos; e aquela voz que o homem guardava nos baixos peitos, era tão que nem de se responder em ladainha dos santos, encomendação de mortos, responsório”. (ROSA, 2006, p. 385). Estavam vigiando o caminho para que ninguém passasse pelo povoado do Sucruiú, de onde vieram, a fim de alertar sobre a epidemia, conforme a narrativa, decorrente da maldição e do abandono de Deus: “castigo de Deus Jesus! Povo do Sucruiú, gente dura de ruim... [...]”. (ROSA, 2006, p. 386). Zé Bebelo, contudo, insistiu na travessia pelo povoado que estava tomado pela peste e o temor invadiu o espírito dos jagunços: “Só que se tinha confiança nos bentinhos e verônicas”. (ROSA, 2006, p. 392). Correu o boato de que Jõe Bexiguento sabia a oração para São Camilo de Lelis e São Sebastião para se verem livres daquela doença e Jõe ia tratar de praticar alguma reza resumida, enquanto todos, em constante repetição iam com fé forte rezar as ave-marias e os padre-nossos. Finda a travessia e Riobaldo nem olha para trás. Relata a pobreza geral do povo do Sucruiú, pois o que rogava eram coisas de salvação urgente, [...]. Araujo afirma que a pobreza material dos catrumanos não os torna ricos de espírito e nem os livra da maldade. São parecidos com o rico fazendeiro seo Habão, isto é, reduzem tudo ao material, opaco, sem espírito. (ARAÚJO, 1985, p. 292-293). Infere-se que a pauperização e a marginalização provocada pela estrutura social do sertão, a qual Zé Bebelo quer combater na esfera política, está desconectada das promessas messiânicas de que o reino de felicidade e bem-estar prometido por Deus seja dos pobres. Ao contrário, a interpretação sugere uma analogia entre

pobreza material e pobreza espiritual, novamente identificando o sertão como o inferno, o lugar do mal. O bando de Zé Bebelo, porém, necessitando lidar com esse universo hostil e desconhecido, apela para a transcendência. O fragmento é rico de elementos religiosos cristãos dando ao relato o sentido da contradição e da ambiguidade próprios do narrador e da chefia de Zé Bebelo.

Temas importantes da tradição religiosa cristã estão presentes através dos ensinamentos dados a Riobaldo por alguns dos mestres que o influenciaram. Das mulheres, Nhorinhá, Otacília e Diadorim, recebe o amor e a amizade, colocando-o no roteiro de Deus, seja através de imagens, crenças, orações e rezas ou do reconhecimento de Deus através da admiração das suas criaturas no esplendor da natureza, levando-o nas imagens do passado e do presente a construir significativamente o caminho para a salvação. Já com Diadorim, Riobaldo aprende a acreditar que se pode afirmar a existência de Deus e se aproximar d'Ele através das suas criaturas. Ao referir-se à natureza falando dos pássaros como um assunto de Deus, reconhece que os ensinamentos recebidos de Diadorim somados à exuberante paisagem da Fazenda Santa Catarina ao lado de Otacília, o ajudavam a afastar-se do demônio e das ruindades do Hermógenes.

Fazenda Santa Catarina era perto do céu – um céu azul no repintado, com as nuvens que não se movem. A gente estava em maio. Quero bem a esses maios, o sol bom, o frio de saúde, as flores no campo, os finos ventos maiozinhos. A frente da fazenda, num tombado, respeitava para o espigão, para o céu. Entre os currais e o céu, tinha só um gramado limpo e uma restinga de cerrado, de donde descem borboletas brancas, que passam entre as réguas da cerca. Ali, a gente não vê o virar das horas. [...] Minha Otacília, fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença. Fui eu que primeiro encaminhei a ela os olhos. Molhei mão em mel, regrei minha língua. Aí, falei dos pássaros, que tratavam de seu voar antes do mormaço. Aquela visão dos pássaros, *aquele assunto de Deus*, Diadorim era quem tinha me ensinado. ROSA, 2006, p. 188 e 189. Grifos nossos.

Na bíblia, por exemplo, no salmo oito, encontram-se referências da afirmação da presença de Deus através da sua criação, e, também no cristianismo ao longo da sua trajetória se desenvolveram formas de diálogo com Deus por meio da contemplação das suas criaturas e se aprendeu com os ensinamentos de Jesus nos evangelhos a exaltar o poder de Deus na manifestação da simplicidade de vida dos pássaros e da beleza dos lírios do campo, superando a pomposidade do Rei Salomão. “Olhai para os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham, nem fiam. Eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles”. (Mateus 6:28-29). Francisco de Assis, que recebeu de Deus a graça de poder se aproximar d'Ele através das criaturas, desenvolveu uma mística cristã com orações, hinos e ações que exaltavam a simplicidade, a pureza e a beleza da obra divina, estendendo ao

cristianismo a possibilidade de professar a grandeza de Deus na humildade da criação. O tom amarronzado da cor da terra das penas da cotovia, visto por São Francisco como o símbolo da simplicidade e depois adotado como a cor do hábito vestido pelos frades franciscanos é análogo também à admiração de Riobaldo pela cor marrom do pássaro manuelzinho da croa.

Chiara Frugoni em seu livro descreve a simplicidade e a humildade das cotovias que inspirava a prática do evangelho buscado como ideal de vida religiosa por Francisco e seus frades. (FRUGONI, 2011, p. 93). No romance, Diadorim ensina à Riobaldo o caminho de Deus através dos pássaros: “De todos, o pássaro mais bonito e gentil que existe é mesmo o manuelzinho-da-crôa”. (ROSA, 2006, p. 143).

Riobaldo, ao aprender com Diadorim sobre a presença de Deus na criação, reconhece na contemplação da Fazenda Santa Catarina uma vida de simplicidade, de Deus e de um viver comum que, no momento, em função da campanha de guerra, não se podia ter.

No capítulo *Grandes Veredas*, Araujo desenvolve uma reflexão a partir de São Boaventura (autor da biblioteca de Rosa) sobre a ciência filosófica e a ciência teológica buscando analogias dessas ciências no texto do Grande Sertão, tal como a chegada de Riobaldo na Fazenda Santa Catarina marcada por profundo cristianismo. (ARAUJO, 1996, p. 97).

Araujo também acrescenta que Diadorim, ao ensinar Riobaldo a perceber a beleza da Criação através dos pássaros o ensina sobre “o *amor de Deus*, sem que ele saiba”. (ARAUJO, 1996, p. 51). Paradoxalmente, o relato do velho Riobaldo coloca o episódio do primeiro encontro com Otacília contornado de religiosidade manifestada na contemplação da criação e daquele assunto de Deus que o lugar proporcionava como algo isolado e fora do real, pois a verdadeira função da sua estadia na Fazenda era parte da estratégia da guerra, aproximando-o muito mais dos complexos princípios hermogêneos e demoníacos como a um destino trágico, e menos da afirmação de Deus e de sua simplicidade através de suas adoráveis criaturas. Essa ambiguidade percebida da narrativa no seu conjunto reforça a visão da personalidade titubeante de Riobaldo que, por um lado, quer cumprir a sina da vingança ao lado de Diadorim, mas por outro, com olhar de narrador, vê o significado a partir de um propósito salvífico da presença de Deus afirmado em um evento isolado reconstituído na história narrada. Professar Deus através da sua criação, portanto, é a inferência do cristianismo presente nesse relato do romance em que Riobaldo por algum momento se distancia da real maldade do sertão, transcendendo-se para os ensinamentos recebidos de Diadorim que acreditava na revelação de Deus através da sua criação e para a beleza simples da Fazenda Santa Catarina que o impulsionava para a contemplação da simplicidade da criação divina ao lado de Otacília. Tal conclusão também é percebida nos contrastes propositadamente presentes na narrativa entre o bem e o mal, o feio e o belo, o complexo e o simples, e Deus e o diabo, que revelam a condição do humano no mundo

vista pelo cristianismo como itinerário para Deus. Ou seja, se o cristão vive num mundo em que tudo é muito misturado, cabe-lhe a exemplo de Jesus discernir o caminho para Deus e para o seu propósito salvífico. O narrador, de forma discreta, conforme se pode ver, assume essa posição.

Para Schillebeeckx, o tema Deus é visto como problemático no mundo contemporâneo. Longe do dualismo, afirma que existe no mundo atual uma mistura enigmática e constante de bem e mal, de sentido e sem-sentido, sem que a história possa responder a esse problema, contudo a fé em Deus a partir de uma experiência religiosa voltada para a humanização – “o sim em aberto” – como dom de Deus, resgata essa esperança perdida sustentando a resistência do “não” contra toda forma de sofrimento. (SCHILLEBEECKX, 1994, p. 22 e 23).

CONCLUSÃO

A riqueza geográfica e simbólica contida no romance de Rosa facilitaram muito interpretar o itinerário e a ação das personagens na direção do nosso propósito que era o de investigar possíveis relações entre a natureza e a transcendência, mais especificamente expressas na religiosidade cristã. Outros objetivos puderam também ser desenvolvidos nesta produção e elencados nessa proposta, tais como a ampliação de ligações entre Ciência da Religião e Literatura, comentados por leitores e críticos de Grande Sertão: Veredas. Vimos contribuições com o aprimoramento do ensino de Cultura Religiosa: Fenômeno Religioso da PUC Minas através da investigação, no âmbito da literatura de Rosa, sobre o sagrado e o profano. Recolhemos elementos da religiosidade cristã, em especial hierofanias presentes nos textos ambíguos de Guimarães Rosa, em torno das principais personagens da trama Roseana. Aprofundamos o tema da natureza, no contexto do romance e perseguimos as travessias e os itinerários espirituais seguindo a matéria vertente do velho Riobaldo. Percebemos e interpretamos o valor da natureza e a sua implicação presentes no romance que também é valor no debate sobre a ética sócio-ambiental e o fenômeno religioso no ensino de Cultura Religiosa da PUC Minas. Investigamos o universo regional de Rosa, de forma interdisciplinar, trazendo novas possibilidades de interfaces com: a ciência da religião, a antropologia, a sociologia, a história, a geografia, a psicologia e a filosofia. Percebemos a riqueza hermenêutica que a ambiguidade dos textos de Rosa proporciona, sobretudo na relação entre natural e sobrenatural e vimos as facilidades e dificuldades de inferências da religiosidade cristã no texto ambíguo do Grande Sertão.

REFERÊNCIAS

ALBERGARIA, Consuelo. **Bruxo da Linguagem no Grande Sertão: Leitura dos elementos esotéricos presentes na obra de Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1977.

ARAÚJO, Heloisa Vilhena de. **O Roteiro de Deus: Dois Estudos sobre Guimarães Rosa.** São Paulo: Mandarin, 1996.

BÍBLIA SAGRADA. São Paulo: paulinas, 1983.

BINGEMER, Maria Clara e YUNES, Eliana. (org.). **Bem e mal em Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio/Editora UAPÊ, 2008.

BOLLE, Willi. **Grandesertão.Br.** São Paulo: Duas Cidades, 2004.

COUTINHO, Eduardo de Faria. **Guimarães Rosa.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1983.

FRUGONI, Chiara. **A vida de um homem: Francisco de Assis.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

MOURA, Lúcia Helena Furtado. **Interpretações da multifacetada manifestação religiosa riobaldiana.** 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)–Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.

PROENÇA, Cavalcanti M. **Trilhas no Grande Sertão.** Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1958.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Grande Sertão: Veredas.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.

ROSENFELD, Kathrin Holzermayr. **Desenveredando Rosa.** Rio de Janeiro: Topbooks, 2006.

SCHILLEBEECKX, Edward. **História Humana: revelação de Deus.** São Paulo: Paulus, 1994.

UTÉZA, Francis. **Metafísica do Grande Sertão.** Trad. J.C. Garbúglio. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIGGIANO, Alan. **Itinerário de Riobaldo Tatarana.** Belo Horizonte: Ed. Comunicação, 1974.